

MEMÓRIA HISTÓRICA



REGISTROS E EPISÓDIOS*

Os registros da Faculdade nos relatam dados informais, que são o resumo de uma história de 66 anos de atividade. Abrimos os livros e eles nos oferecem, em cada assentamento, a posse de um dado curioso, como este, por exemplo: a primeira aluna que se inscreveu no quadro discente do Instituto foi d. Maria de Lourdes Prata, que se graduou em 1927, paraninfada pelo desembargador Rafael de Almeida Magalhães.

Mas a crônica viva da Escola está naquilo que nos conta a testemunha atuante de 42 anos de sua atuação: o velho bedel e Porteiro Samuel Caetano Júnior. Sua narrativa registra duas faces frontalmente diversas da vida da Faculdade: no primeiro vértice, a tragédia; no outro, a algazarra e a animação estudantil, no mais justificável e elogiável sentido.

É ele quem nos conta que o único motim, de triste memória, ocorreu logo após a revolução de 1930. O então Ministro Francisco Campos, de nome estreitamente ligado à Faculdade, baixara portaria, eximindo da prestação de exames orais os universitários dos vários pontos do País que haviam sido atingidos pelo movimento, com exceção dos de Minas Gerais, que não foram prejudicados pelos acontecimentos.

Vários alunos de nossa Universidade, porém, cogitaram de se beneficiar da medida, requerendo à Reitoria que ela a aplicasse também aqui. Os que advogavam fosse a providência excepcional admitida também entre nós formavam um grupo majoritário, a que se opunham, por coincidência, aqueles que, nos últimos degraus dos cursos, seriam os definitivos beneficiários dela: os bacharelandos, que unânime-

* Texto publicado na Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, “Memória Histórica”, p. 109-116, outubro de 1958 – março de 1959.

declaravam não pretender outros processos de habilitação que não o dos nossos Estatutos e os estudantes do sexto ano de Medicina e os da última série de Engenharia, que opinaram como os nossos. Além desses, alguns outros moços do curso de direito se manifestaram, também, pelos exames sobre matéria explicada.

O Reitor Mendes Pimentel sabia que, da nossa e de outras Escolas, havia numerosos estudantes que pleiteavam a promoção pelo índice de frequência. Mas, porque não acreditava que fosse tal critério satisfatório aos interesses do ensino, resolveu discutir, com as Congregações, a praticabilidade de averiguação da habilitação dos alunos, independentemente de outros exames e apenas pelas médias das arguições verificadas durante o ano. Para êsse fim, expedira às Congregações, inclusive à desta Faculdade – cuja direção êle acumulava com as funções de Reitor -, a seguinte consulta:

“A fim de habilitar o Conselho Universitário a se pronunciar sobre a questão de exames de primeira época, que atualmente preocupa a Universidade, pareceu-me conveniente que V. Excia., em Congregação ou fora dela, reúna os dados necessários que bem esclareçam o assunto e que sejam oportunamente levados ao conhecimento do mesmo Conselho. Creio que não se cuida de promover mecânicamente ao ano ou série imediatamente superior o aluno, pelo só fato de verificação de sua matrícula na época regulamentar. O de que se pode cogitar é de examinar se é possível, na presente emergência, dispensar a apuração estatutária de habilitação – pelo exame – e substituí-la pelo critério da média de provas prestadas durante o ano letivo. A mera frequência, penso eu, não é índice seguro de aproveitamento. Convém, portanto, que, ouvidos os professores, nos instrua êstes sôbre a praticabilidade, sem graves injustiças e sem desdouro do ensino na Universidade, da medida sugerida por docentes e discentes dos nossos e de outros institutos do País. As cadernetas de aulas devem facilitar esse inquérito, pois dela, naturalmente, constarão os assentamentos em tempo tomados pelos professores. Rogo a V. Excia providenciar, com urgência, a respeito”.

Entre nós, coube ao professor Estevão Pinto, então Vice-Diretor, emitir a opinião decisiva. Na reunião de 14 de novembro,

aquêle eminente mestre reconhecia, perante a Congregação desta Escola, que “o critério do exame não é infalível e padece das contingências que inquinam todos os julgamentos humanos”. Contudo, não admitia a substituição do processo, que era regulamentar, pelo das médias apuradas durante o ano letivo, porque, entre outras razões que expôs, “as classes são muito numerosas e as aulas, três por semana, com os descontos dos feriados, não permitem o contato reiterado do professor com todos os seus alunos”, não sendo possível aos docentes “aplicar integralmente seu tempo no ensino, meio único de, conscientemente, pelas discussões com os rapazes e pelas repetidas provas de dissertação oral e escrita, ajuizarem da habilitação deles, independentemente de exames orais.” E concluía, com fundamento nas razões expostas: “o processo do exame com os seus defeitos, deve ser mantido. Por honra desta Faculdade, a Congregação, de acordo com o modo de ver de seu Diretor, já conhecido, deve pronunciar-se em favor das provas estatutárias de verificação de preparo dos alunos matriculados”.

A proposta do professor Estevão Pinto foi aprovada, por unanimidade. Contudo, a incompreensão de muitos alunos manifestou-se, estouvadamente, contra a decisão, submetida ao *referendum* do Conselho Universitário. Na reunião desse órgão superior desenvolveu-se a tragédia, que o velho porteiro Samuel Caetano narra, como testemunha de vista:

- A sessão do Conselho era secreta, porém os alunos insistiram em que a entrada lhes fosse franqueada. O Reitor consultou seus pares que, a essa altura, tinham convicção firmada a respeito do assunto: metade contra, metade a favor da pretensão dos alunos. Depois de agitados debates, foi permitido o ingresso dos estudantes ao salão de reunião, o mesmo do velho prédio da Escola, recentemente demolido. Fui encarregado pelo Reitor Mendes Pimentel de abrir a porta principal do prédio. E veio aquela enxurrada de estudantes, que quase me atropela, na ânsia de entrar na Faculdade. Quase todos armados de pedras e tijolos, lotaram o salão onde o Conselho debatia o problema.

Os conselheiros continuaram a discussão e, à medida que ela progredia, o grupo contrário à liberação das provas foi ganhando

terreno, retirando adeptos da outra corrente. Os estudantes, sentindo a derrota eminente, foram se exaltando. Começaram a apartear os oradores. A palavra lhes foi cassada. E os ânimos se exacerbaram. De repente, tiros soaram fora do edifício, estabelecendo-se a algazarra. Deu-se o conflito, com o fato lamentável da morte de um estudante. Entrementes, outro grupo de estudantes invadiu um quartel, localizado onde hoje está o Cine Guaraní, arrebatando-lhe todos os fuzis e cercando o prédio da Faculdade, para onde começaram a atirar, desvairadamente. Um desses tiros quase me atingiu e só não o fez porque ví, perfeitamente, quando um aluno apontou sua arma e a detonou. Agachei-me no momento próprio. A angústia durou horas e, lá fora e no pátio da Escola, estudantes exaltadíssimos procuravam, por todos os meios liquidar os membros do Conselho. Salvou-nos uma chuva fortíssima, que caiu sobre a cidade e promoveu a debandada dos alunos. Foi quando a polícia do então Presidente Olegário Maciel interviu, dominou a situação e invadiu o Edifício da Escola, tendo à frente o Secretário de Segurança, dr. Cristiano Machado, que deu voz de prisão a todo o Conselho. A dois e dois, seus membros foram transportados para a Secretaria, sob a acusação de participação nos movimentos que originaram a morte do estudante. A Faculdade foi interditada e ficou sob guarda policial. Foi quando os policiais promoveram um verdadeiro saque, revirando gavetas, espalhando processos e documentos administrativos, sujando tôdas dependências do prédio. Autênticos atos de vandalismo foram por eles praticados, durante os dias em que aqui permaneceram. Vários e valiosos objetos desapareceram, entre eles uma caneta de ouro, cravejada por brilhantes.

Mendes Pimentel – Reitor e Diretor – e Estevão Pinto, Vice-Diretor, renunciaram aos seus mandatos e às respectivas cátedras em 18 de novembro. Bastaram-lhes à decepção definitiva as cenas deprimentes de incompreensão e insânia.

A outra história refere-se à primeiras e ruidosas festas estudantis, de que se originaram as reuniões sociais que, hoje, movimentam os nossos clubes universitários. Samuel Caetano Júnior retorna à narrativa:

- “Houve, também, momentos de alegria e festas. E até bailes foram realizados no primeiro andar do velho edifício destruído. Quem patrocinou o primeiro deles, em 1924, foi o então Presidente do Centro Acadêmico, estudante Francisco Negrão de Lima, este mesmo Ministro que, até outro dia, era o Prefeito do Distrito Federal. Negrão de Lima era adepto ardoroso de festas e, durante sua gestão, semanalmente a Escola promovia um baile, no qual as moças de Belo Horizonte vinham dançar tangos, valsas e mazurcas com os estudantes de direito. Não se serviam bebidas alcoólicas, mas apenas gasosas e outros refrigerantes”.

-“Um companheiro, inseparável de Francisco Negrão era um moço fagueiro, também amante de festas: atual deputado Gabriel Passos. Lembro-me, ainda, do acadêmico Capanema, que trazia sempre aos bailes sua namorada. E, também, de um rapaz que não perdia ensejo de “deitar a falação”: Abugar Renault. Não me esqueço das complicações rotineiras provocadas, entre 1928 e 1929, por dois moços: Fábio Andrada, filho do velho Antônio Carlos, e Bilac Pinto, o deputado de hoje que, ontem, não repudiava briga de qualquer espécie. Enfim, tivemos grandes festas e grandes algazarras, que só a mim traziam enorme prejuízo: no final de umas e outras, cabia-me recolocar as salas em ordem para, na manhã seguinte, podermos receber os alunos para as aulas normais”.

-“Mas houve, também, turmas tranquilas e sossegadas. Uma delas foi a de 1922, liderada por dois nomes muito conhecidos: Milton Campos e Pedro Aleixo. Dessa fase lembro-me, apenas, de um detalhe interessante: a reação do Centro Acadêmico, presidido por Pedro Aleixo, contra a candidatura Bernardes, por volta de 1921-1922”.

Samuel Caetano Júnior conta, assim, a história viva da Faculdade, guardando de cada aluno uma recordação e de cada episódio uma lembrança. Em cada lance dessas memórias há um pedaço da existência da própria Escola e da vida de grandes homens públicos, que conduziram e conduzem as rédeas do País, neste meio século.

